

JOSÉ ARICÓ E O MARXISMO LATINO-AMERICANO

JOSÉ ARICÓ Y EL MARXISMO LATINOAMERICANO

Débora Fátima Gregorini

Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: deboragregorini@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7252-7210>.

Resumo: O presente trabalho visa uma exposição inicial da obra de José Aricó e sua contribuição para a construção de um pensamento marxista latino-americano. Buscamos demonstrar a importância de Aricó para o campo da Filosofia política latino-americana através de sua maior contribuição, qual seja: a fomentação de um pensamento original a ser construído em nosso continente. Aricó busca a independência do pensamento latino-americano, a fim de tratar acerca de nossas particularidades e idiosincrasias, tornando a América Latina o centro do debate, como o local onde estão não apenas os problemas, mas também suas possíveis soluções.

Palavras-chave: América Latina. Socialismo. Independência.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo una exposición inicial de la obra de José Aricó y su contribución a la construcción de un pensamiento marxista latinoamericano. Buscamos demostrar la importancia de Aricó para el campo de la Filosofía política latinoamericana a través de su mayor contribución, que es la promoción de un pensamiento original que debe construirse en nuestro continente. Aricó busca la independencia del pensamiento latinoamericano, con el fin de abordar nuestras particularidades e idiosincrasias, haciendo de América Latina el centro del debate, como el lugar donde no solo están los problemas, sino también sus posibles soluciones.

Palabras clave: América Latina. Socialismo. Independência.

INTRODUÇÃO

José Aricó fora uma figura muito importante para a compreensão da história da teoria marxista na América Latina. Argentino, nascido em 1931 na província de Córdoba, Aricó destacou-se por sua produção como escritor, intelectual e editor de obras que se dedicavam à difusão do pensamento marxista no território latino-americano. Em 1947 passa a fazer parte do Partido Comunista Argentino¹ e desde então se dedica à leitura e aos estudos das obras de Gramsci (Melo e Marochi, 2020; Infranca, 2004).

Pode-se dizer com firmeza que Gramsci fora a maior inspiração de Aricó, que se esforçou para ampliar o conhecimento sobre a teoria gramsciana na Argentina e em toda a América Latina. Essa predileção, contudo, não era bem-vista por todos os seus companheiros do PCA². Em muitas ocasiões era preciso que Aricó camuflasse capas de livros de Gramsci, evitando assim que percebessem sua preferência pelo que os companheiros chamavam de escritos de um autor de ‘fronteira’ (Infranca, 2004, p. 31).

O caráter ‘fronteiriço’ de Gramsci era justamente o que atraía Aricó. A ele não interessava muito a ortodoxia cultuada pelos participantes do comitê provincial – local onde precisava esconder as capas dos livros – mas sim, as mesclas entre política e intelectualidade que a teoria gramsciana lhe apontava como possibilidade. Fora por meio desses estudos que Aricó pôde desenhar o que viria a ser sua maior contribuição para o marxismo latino-americano, uma ‘tradução’ da ortodoxia europeia para a realidade latina. Para tanto, o estudioso se dedicou a diferenciar o que eram obras marxistas de marxianas³ e quais dessas poderiam ser úteis a fim de pensarmos em uma teoria que pudesse embasar a realidade vivida pelos povos da América Latina.

Pois bem, não podemos desconsiderar a influência do próprio Marx no pensamento de José Aricó, uma vez que a admiração do argentino por Gramsci se dá na medida em que o italiano é também um marxista. Assim, nos textos escritos por Marx, especialmente acerca da realidade russa, Aricó encontra também uma corroboração para ideia de que é possível existir um marxismo que se modifique em sociedades que não operam nos moldes da Alemanha. Logo, um marxismo que faça sentido na América Latina não precisaria, necessariamente, operar nos moldes de outras realidades europeias, ainda que a realidade Russa tenha servido para o autor como ponto de partida

¹ Anos mais tarde, em 1963, Aricó fora expulso do partido devido às críticas que fazia à teoria marxista hegemônica (Infranca, 2004).

² Partido Comunista Argentino.

³ Em linhas gerais a diferenciação se dá de maneira simples, obras marxianas são aquelas escritas por Karl Marx, enquanto as marxistas são aquelas escritas sobre o seu pensamento, por outros autores.

Y es en torno a este problema crucial de la superación del paradigma eurocentrista que me parecen de trascendental importancia las reflexiones de Marx sobre Rusia. Creo ver en ellas una especie de bomba de tiempo capaz de hacer estallar todo el sistema. Por más inorgánicas que ellas sean, aun en su nivel de borradores y apuntes y notas marginales, tienen la enorme virtud de permitir liberarnos de todos los obstáculos teóricos que nos impedían comprender la naturaleza de procesos en los que el Estado aparece como un mecanismo productor de su propio poder y desde el cual se “construye” la sociedad, las clases, las organizaciones políticas (Aricó, 2020b, p. 171).

A querela envolvendo Aricó, seus companheiros gramscianos (Héctor Pablo Agosti, Juan Carlos Portantiero e Oscar del Barco) e o PCA não se dá por uma mera briga acerca de quem deve ser o nome mais afamado no marxismo, mas sim, por uma marcante diferença na maneira de ver o mundo e a realidade dos trabalhadores. Enquanto o PCA segue uma doutrina ortodoxa do marxismo proveniente da URSS e tenta aplicá-la rigidamente à realidade Argentina, Aricó e seus companheiros se apoiavam na visão gramsciana de que:

a realidade histórica é resultado das ações humanas em sociedade, ou seja, resultado das relações concretas entre os seres humanos e entre estes homens e a natureza, dependentes, portanto, do tempo e do espaço em que se dão tais relações (Melo e Marochi, 2020, p. 6).

Tendo como base essa interpretação de Gramsci, não é possível aplicar em território Argentino uma teoria tal e qual aquela que é aplicada em solo soviético. É nesse ponto que se apoia a crítica de Aricó aos socialistas latino-americanos que não conseguiam compreender quais eram as especificidades do território no qual viviam, e que essa realidade diferia daquela que estavam estudando no PCA. Assim se constrói a tarefa para a qual Aricó se dedicou: a de ‘traduzir’ o marxismo para a realidade Argentina e latino-americana.

TRADUZINDO O MARXISMO EUROPEU EM MARXISMO LATINO-AMERICANO

O trabalho de ‘tradução’ da teoria marxista diz respeito a compreender de que maneira as obras de Marx e seus discípulos poderiam servir como ferramenta para compreensão da realidade política e social da América Latina, e ainda como um guia para a superação das dificuldades socioeconômicas e a disputa de classes em nosso território; isso tudo sem colocar a teoria num patamar superior ao da realidade vivida

Traducir es posible, y necesario, porque hay universalidad tanto como formas singulares que deben ser comprendidas en su especificidad. Así, el marxismo latinoamericano puede ser pensado, a condición de que exista un ejercicio de traducción que articule orgánicamente la vocación universal del primero de los términos con los dilemas específicos que presenta el segundo. Ese carácter

orgánico de la traducción remite a la producción de una novedad teórica evitando ejercicios de mera traslación o aplicación de conceptos ya constituidos (Cortés, 2016, p. 151-152).

Para que tal tarefa seja possível, do ponto de vista de Aricó, precisamos primeiramente compreender que o marxismo não é um corpo teórico encerrado e inflexível, bem como, que a realidade da organização social, econômica e de trabalho na América Latina se dá de forma totalmente diferente daquela que rege as sociedades europeias (Cortés, 2016). É preciso levar em conta o passado colonial latino-americano. A colonização contribuiu para uma grande exploração agrícola do continente, e para que a constituição das massas populares se dê numa mistura de trabalhadores urbanos e rurais. Ainda não se pode deixar escapar a força cultural que possui aqui o cristianismo em suas diversas manifestações (catolicismo, protestantismo, neopentecostalismo) e o recente passado militar que, se em uma parcela da população inspira revolta, em outra parcela, também grande, inspira admiração. Com efeito, para Aricó nem mesmo a América Latina pode ser tomada de forma uniformizada, como se a mesma realidade se repetisse em todos os países que compõe o continente. O que se pode considerar é uma chave comum para observar as realidades que se constroem em cada país latino-americano; uma chave que muitas vezes se dá pela oposição. Isto é, majoritariamente, o que existe em comum entre os países que compõe a América Latina é o fato de que todos eles diferem significativamente das realidades que se constroem em outros continentes, em especial, no continente europeu (Aricó, 2020b).

Outro fator capital que diferia nas visões dos adeptos do pensamento ortodoxo da Segunda e Terceira Internacional, e na visão de Aricó, é quem pode ser considerado o sujeito de mudanças, ou ainda, quem são as pessoas que farão a revolução. De acordo com o marxismo europeu o sujeito que pode fazer revolução é a massa proletária industrial, todavia, já sabemos que nos países latino-americanos o proletariado não é composto apenas por trabalhadores industriais. Pelo contrário, em sua maioria o proletariado latino-americano é composto por trabalhadores ligados ao meio rural e à produção agrícola. Uma vez que “na América Latina não ocorreu nenhuma revolução industrial de massa, mas apenas alterações econômicas e sociais que transformaram os camponeses em subproletariado urbano, amontoado em gigantescas favelas e *villas miserias*” (Infranca, 2004, p. 33); para Aricó o sujeito de mudanças não só pode, como deve, ser composto também pela massa camponesa e por toda a população periférica.

Assim, é tendo em vista a realidade historiográfica comum de colonização dos países latino-americanos, suas diferenças com a Europa e a forte presença da massa camponesa no contingente populacional, que Aricó se propõe a pensar uma nova apresentação da teoria marxista: que dialogue com a realidade vivida na América Latina. Martin Cortés (2020) afirma que o ponto

de partida para essa investigação é uma leitura situada em uma conjuntura problemática, mas tendo o marxismo como um horizonte teórico que funciona como ferramenta auxiliadora na busca pela emancipação. Importa ressaltar que para pensar em um verdadeiro marxismo latino-americano é preciso mais do que apenas justapor uma ideia de marxismo com uma ideia de América Latina. É precisamente essa a crítica de Aricó: a noção de que os marxistas ortodoxos que seguem à risca a Segunda e a Terceira Internacional buscavam encaixar um corpo teórico pré-concebido na Europa com o território latino-americano, sem fazer um verdadeiro movimento dialético, e sim, apenas justapondo uma coisa na outra.

Essa mera justaposição, ou encaixe da América Latina nos moldes da URSS, é o pano de fundo para o que Aricó descreve como o “desencuentro, de dos vías –la del socialismo y la del movimiento popular– que las más de las veces corrieron paralelas y sin encontrarse” (Cortés, 2020, p. 14). Em muitos momentos da história latino-americana houve distanciamentos significativos entre grupos que apesar de ter um objetivo semelhante – o de transformar a realidade social – não encontravam formas de dialogar entre si. Pairava no ar uma dúvida sobre quais poderiam ser as organizações políticas dos trabalhadores: poderiam ser os sindicatos ou deveriam ser apenas os partidos políticos? É preciso que essa força esteja ligada à democracia burguesa? Dessa maneira, de um lado estavam anarquistas e de outro os socialistas. Na América Latina o marxismo foi mais uma determinação de fronteira entre os anarquistas e os democratas do que a introdução de uma forma de saber reconhecida em suas categorias fundamentais (Aricó, 2020a; Aricó, 2020b).

Juan B. Justo é apontado por Aricó (2020a) como um nome importante na historicização do marxismo latino-americano. Justo, foi um dos primeiros socialistas a buscar uma aplicação da teoria de Marx para a realidade Argentina, do marxismo adotou sobretudo a luta de classes. Em um país em que as classes mais baixas eram ignoradas e subalternizadas, a luta de classes servia não apenas para impor formalmente as exigências dos trabalhadores, mas também para buscar o sufrágio universal. Em sua concepção a emancipação do proletariado deveria ser resultado de um processo de luta social em que a classe trabalhadora aprende a organizar-se e a governar uma sociedade nova.

O que parece ter acabado com o alcance desse objetivo foi o fato de Justo privilegiar a ordem democrática e buscar o socialismo de maneira institucionalizada, colocando-se em oposição às forças anarquistas que também eram contrárias ao sistema vigente, mas não simpatizavam com a institucionalização democrática. Afastando-se totalmente dessa parcela da população, Justo perde força e deixa sua teoria socialista muito distante do que era a verdadeira realidade material argentina da época (Aricó, 2020a).

Outro problema que parece ter atrapalhado significativamente a empreitada de Justo e dos socialistas ligados à teoria ocidental é justamente a primazia da ideia de classes. Aricó (2020b) propõe que haja na América Latina uma espécie de inversão na constituição estatal. Por essa inversão, o Estado passa a criar seu próprio poder, ou ainda “una suerte de ‘creación desde el Estado’ de la sociedad y de la nación” (Aricó, 2020b, p. 170). Diante disso, a tentativa de socialistas de inspiração ocidental em buscar um princípio de classe que fundamente o real se torna uma tentativa vã. Para sustentar essa apresentação, Aricó utiliza o texto marxiano *Revelaciones sobre la historia diplomática del siglo XVIII*, obra na qual Marx analisa um tipo de Estado que não funciona sob o princípio de classes. Nesse tipo de sociedade que Aricó encontra apresentada no texto de Marx, e compara à realidade latino-americana, o Estado não surge como resultado de um equilíbrio entre as classes, e de alguma maneira parece ‘flutuar’ sobre elas; ele aparece então como autoproductor de poder (Aricó, 2020b).

Frente à essa percepção do Estado dotado de grande potência criativa, o intelectual argentino conclui novamente que é impossível a utilização de uma via unilinear de interpretação da realidade na qual toda nação está condenada a repetir o mesmo desenvolvimento econômico em direção ao capitalismo, que posteriormente será derrubado (Infranca, 2004). Aricó (2020b) aponta ainda que quanto menor a diferenciação técnica ou industrial em uma sociedade ‘pré-capitalista’ mais difícil é encaixá-la nos moldes clássicos de análise.

Tendo no horizonte tantas questões problemáticas levantadas e, no cerne delas, a manifestação da necessidade de um *corpus* teórico marxista verdadeiramente latino-americano, Aricó encontrará na figura de Mariátegui um grande alento.

El Perú podía ser la Rusia de América Latina porque no existía quizás otro país en el que más abiertamente contradictoria se mostrara la experiencia histórica del socialismo con las condiciones de atraso económico y social, de crisis intelectual y moral que soportaba la nación. La fractura profunda que conmueve a la sociedad peruana a partir de su derrota frente a Chile en la Guerra del Pacífico (1879-1894) hace aflorar desde su interior una corriente intelectual favorable al mundo de las clases subalternas y que se pregunta con inquietud por la identidad de una nación que tradicionalmente se creía tal y que la guerra ha mostrado como un país invertebrado, como un mero “proyecto a realizar”. De tal modo la “cuestión nacional” se reveló como el punto de partida obligado para cualquier reflexión sobre la posibilidad de un proyecto de transformación de la sociedad peruana. Pero para que este proceso de refundación pudiese alcanzar elementos reales de novedad, fue necesaria una concentración igualmente excepcional de capacidad teórica, de conocimiento de la realidad nacional y mundial, de actitud crítica frente al propio marxismo (Aricó, 2020a, p. 631).

Mariátegui desponta nesse cenário como um fator importante, para além da conjuntura história daquele momento da sociedade peruana, porque ele conseguiu dar à doutrina marxiana

uma interpretação antieconomicista e antidogmática. Pela perspectiva de Aricó (2020a), isso foi possível porque Mariátegui produz seu conhecimento sobre as teorias de Marx fora da organização de um partido comunista e distante do que postulava a Terceira Internacional. Sanjuán (2015) aponta que Mariátegui possuía essa necessidade que também podemos ver em Aricó: a vontade de ver um marxismo construído fora de moldes ortodoxos europeus e que refletisse o que de fato se passa na realidade latino-americana. Para o peruano, o que fora considerado subdesenvolvimento poderia ser justamente um caminho de possibilidade ou potência de desenvolvimento rumo à uma sociedade socialista.

En este tipo de sociedades, el escaso desarrollo del proletariado industrial obligaría a establecer una alianza con otras clases subalternas, fundamentalmente con los campesinos, algo que ya se había planteado en la Revolución rusa, y que ocupa un lugar central en los debates marxistas italianos de los años 20. Pero en América Latina se presenta la particularidad de que en muchos países, y de forma especial en los de la región andina, el campesinado se encuentra formado en gran parte por población indígena, lo que dota de caracteres particulares a esta clase social, que según Mariátegui pueden ser utilizados productivamente en el proceso de transformación de la sociedad en una dirección socialista (Sanjuán, 2015, p. 255).

A aliança que Mariátegui faz com indigenistas, sindicalistas e outros movimentos operários e anarquistas se apresenta à Aricó como um bom modelo a ser seguido. Ora, a junção de estudantes, indigenistas, sindicalistas, camponeses, anarquistas e artistas conflui para a formação de um bloco de intelectuais com diferentes maneiras de enxergar o mesmo problema: o capitalismo. A ideia é que esses pontos de vista tão diversos possam trabalhar de maneira conjunta na formação de ideias-força sobre as quais se possa construir um corpus teórico marxista latino-americano (Aricó, 2020a).

São motivos semelhantes que fazem Aricó admirar também a revolução Cubana e afirmar que o seu triunfo “inaugura uma nova estação do marxismo latino-americano” (Aricó, 2020a, p. 641). Essa nova posição se caracteriza justamente pela grande variedade de posições e perspectivas que se colocam de maneira diferente àquelas tendências estabelecidas na Europa e pela Segunda e Terceira Internacional. Assim, o intelectual argentino sente aflorar novamente temas outrora esquecidos, como o humanismo de Marx e sua ética revolucionária, bem como a importância do mito para a construção de uma vontade nacional de mudança histórica, que se fortalece sempre que vivemos um momento revolucionário.

Diante disso, nosso autor acredita que o triunfo do marxismo na América Latina passa necessariamente pela transformação da ideia de um marxismo como teoria unívoca em um corpo

teórico diverso, com diferentes perspectivas que possuem como denominador comum a vontade de transformação social e o fim do triunfo do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber ao longo do texto que José Aricó fora um marxista heterodoxo, que buscou em textos marginais de Marx respostas para suas perguntas. E que, defendia sobretudo, a ideia de que na América Latina não é produtivo utilizar um modelo de revolução baseado na realidade de outro continente. Não há uma continuidade entre Europa e América, o que existe do outro lado do oceano é uma realidade singular que merece uma maneira singular de pensar sua própria revolução.

Ora, o sujeito da transformação social é outro ponto de mudança para Aricó. Uma vez que a redefinição da natureza das organizações socioeconômicas de um país implica em uma redefinição da classe de sujeitos capazes de transformar tal organização. Diante disso, defende-se que na América Latina a caracterização do proletariado se dê de maneira mais abrangente e abarque outras populações que são exploradas pelo capital sem estar encerradas em uma indústria. O que nos parece é que sua estratégia se configura inicialmente com a união de populações que visam acabar com um inimigo comum: o capitalismo.

REFERÊNCIAS

ARICÓ, J. *José Aricó: Dilemas del marxismo en América Latina. Antología esencial. Edición de Martin Cortés. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020a.*

ARICÓ, J. Escribir la historia del marxismo en América Latina: disquisiciones en torno a un concepto problemático. *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, n. 20, p. 166-173, 2020b.

CORTÉS, M. José Aricó: traducir el marxismo en América Latina. *Nueva Sociedad*, n. 262, p. 147-156, marzo-abril de 2016.

CORTÉS, M. Prólogo: Fragmentos de un marxismo latinoamericano. In: ARICÓ, J. *José Aricó: Dilemas del marxismo en América Latina. Antología esencial. Edición de Martin Cortés. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.*

INFRANCA, A. A cauda do diabo: O marxismo de José Aricó e sua interpretação de Gramsci. *Revista Novos Rumos*, n. 41, p. 31-38, 2004. DOI: 10.36311/0102-5864.19.v0n41.2159.

MELO, A; MAROCHI, A. C. Renovação do marxismo na argentina: José Aricó e a revista Pasado y Presente. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 20, p. e020026, 2020. DOI: 10.20396/rho.v20i0.8655089

SANJUÁN, C.R. Mariátegui y la constitución de un socialismo latinoamericano. Araucaria, *Revista Iberoamericana de Filosofía - Política y Humanidades*, n. 33, p. 253-269, 2015.

Débora Fátima Gregorini

Recebido em: 15/08/2024.

Aprovado em: 02/12/2024.